

ARTIGO

Uma relação *contra naturam*? As sutilezas da homossexualidade em um poema do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende

*A contra naturam relationship?
The subtleties of homosexuality in a poem
of Garcia de Resende's Cancioneiro Geral*

Geraldo Augusto Fernandes 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

E-mail: geraldofernandes1@gmail.com

RESUMO: Neste estudo, pretende-se apresentar o tema da homossexualidade tratado com sutileza pelo poeta palaciano D. João da Silveira. O termo “homossexualidade” data do século XIX; para os relacionamentos entre seres do mesmo sexo os termos mais comuns na Idade Média eram “sodomia” ou relações *contra naturam*. Não são muitos os poemas que tratam dessa relação no medievo, abominada pela Igreja e pela sociedade, injustamente influenciada por esta última. Silveira parece aludir a este tipo de relacionamento entre dois amigos que acompanhavam D. João de Sousa a Castela e, valendo-se muito da ambiguidade, tratar de um relacionamento desviante, condenado pela Igreja e pelas instituições moralizantes. Além das instigantes trovas de D. João da Silveira, faz-se uma pequena retrospectiva sobre o assunto no Trovadorismo e mesmo no Humanismo português.

PALAVRAS-CHAVE: Sodomia, *Equivocatio*, Poesia palaciana, *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende.

ABSTRACT: In this study the intention is to present the theme of homosexuality treated with subtlety by the courtly poet, D. João da Silveira. The term ‘homosexuality’ dates from the 19th century; for same-sex relationships, the most common terms in the Middle Ages were ‘sodomy’ or ‘contra naturam’ relationships. There are not many poems that deal with the subject in Middle Ages, abhorred by Church and society, unjustly influenced by the latter. However, Silveira seems to allude to this type or relationship between two friends who accompanied D. João de Sousa to Castile and, with great ambiguity, seems to be dealing with something deviant, condemned by the Church and by moral institutions. In addition to D. João da Silveira’s provocative trovas, there is a small retrospective on the subject dealt with in the troubadour aesthetic school and in the Humanism.

KEYWORDS: Sodomy, *Equivocatio*, Courtly Poetry, Garcia de Resende’s *Cancioneiro Geral*.

COMO CITAR

FERNANDES, Geraldo Augusto. Uma relação *contra naturam*? As sutilezas da homossexualidade em um poema do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, e1852, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1852>

“... e dizem-lho per palavras cobertas que hajam dous entendimentos, pera lhe-lo nom entenderem [...] ligeiramente estas palavras chamam os clérigos hequivocatio”

Anônimo. Arte de trovar do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*

1 Introdução, definição de homossexualismo, o amor entre seres do mesmo sexo na Grécia antiga

O termo “homossexualismo” somente foi usado a partir do século XIX, apesar de a relação entre seres do mesmo sexo ser um fato que sempre existiu e é próprio do ser humano e mesmo dos animais. Mais atual que este termo é o designativo “gay” para a mesma relação. Especificamente, na Idade Média, o que nos interessa agora, o termo frequente para nomear essas relações de amor foi a locução latina *contra naturam* ou mesmo *sodomia*. Quanto a esta, Victor Correia escreve:

Historicamente, existia uma palavra próxima do que hoje se entende por *homossexualidade*: a palavra *sodomia*. Esta palavra formou-se a partir de uma história bíblica (narrada no Génesis, cap. XIX) que fala dos visitantes de Ló, com quem os homens naturais de Sodoma queriam ter relações sexuais, e na subsequente destruição de Sodoma. Este episódio constitui a base para o uso da palavra *sodomia*, mas o episódio bíblico não fala em sexo nem em homossexualidade. Muitos teólogos cristãos, tanto católicos como protestantes, defendem hoje que a destruição da cidade de Sodoma não foi devida à homossexualidade mas sim a falta de hospitalidade e de compaixão pelos pobres. (...) No entanto, a palavra que hoje mais se emprega é a palavra *homossexualidade*. Esta palavra provém do grego *homos* (igual) e do latim *sexus* (sexo), e refere-se à atração física e emocional por uma pessoa do mesmo sexo, e aos respetivos comportamentos amorosos e sexuais. A palavra *homossexual* foi criada em 1868 por um jornalista austro-húngaro de língua alemã, Karl-Maria Kertbeny (1824-1882), ativista dos Direitos Humanos, que designou através da palavra *heterossexuais* os homens que se sentiam sexualmente atraídos por mulheres. (CORREIA, 2018, [n.p.].

O próprio termo *contra naturam* já diz, por si só, que este amor seria contrário à natureza, fato defendido com tenacidade pela Igreja¹. Essa prática abjeta, na visão da dessa mesma Igreja, deveria ser condenada com veemência. Os castigos que sofriam os praticantes deste relacionamento sempre foram cruéis. Mesmo assim, a prática jamais deixou de existir. Ela foi, sem exceção, registrada em todas as áreas do convívio humano, desde as condenações até seu registro na literatura, em prosa ou em poesia. Santo Agostinho, por exemplo, toma uma posição que enfatiza os preceitos da Igreja:

¹ A sexualidade não deixará de ser uma das principais preocupações dos religiosos e da sociedade civil. Para exercer controle sobre seu rebanho, e para firmar-se como única portadora da verdade sobre a conduta moral, a Igreja não mediu esforços para desenvolver “um corpo detalhado e coerente de leis [...] sobre assuntos sexuais, definindo e prescrevendo condutas pormenorizadamente [...]. As normas a respeito das prostitutas e dos homossexuais foram um elemento óbvio desse programa” (RICHARDS, 1993, p. 25).

Acaso foi alguma vez ou em alguma parte injusto amar a Deus de todo o coração, com toda a alma e com toda a mente, e amar ao próximo como a nós mesmos? Por isso, todos os pecados contra a natureza, como o foram os dos sodomitas, hão de ser detestados e castigados sempre e em toda parte, pois, mesmo que todos os cometessem, não seriam menos réus de crime diante da lei divina, que não fez os homens para usar tão torpemente de si, pois viola-se a união que devemos manter com Deus quando a natureza, da qual é autor, se mancha com a perversidade da libido” (SANTO AGOSTINHO, 1993, XI, p. 23-25).

A questão do amor entre seres do mesmo sexo começa a evidenciar-se na Grécia Antiga. No entanto, esse amor não tinha o mesmo referencial que começa a ter na Idade Média cristã. Tiago Souza Pereira de Andrade, em artigo sobre o homoerotismo na Grécia relata que Platão, em *Leis*, opunha-se ao coito anal entre homens, cujo comportamento descreve “como contrário à natureza, [e] segundo o autor há a necessidade de uma lei que corrobore com a proibição de tal comportamento, sendo sua proposta provavelmente deferida como correta” (ANDRADE, 2017, p. 64). Contudo, para Tiago Andrade, já em Atenas essa relação era usual, e não importava se os homens virtuosos e generosos não fossem belos, pois o belo seria conquistar o afeto do amante e, se o não obtivesse, o pretendente usaria de tudo o que era vexatório para expressar sua mágoa (ANDRADE, 2017, p. 66).

Quanto ao amor erótico ente pessoas do mesmo sexo, o erudito e acadêmico britânico, Kenneth James Dover, em seu livro *A homossexualidade na Grécia Antiga*, descreve como era forma mais comum do homoerotismo na antiga Grécia:

Em muitos contextos, e quase sempre em se tratando de poesia, o parceiro passivo é chamado de *pais* ‘menino’ (plural de *paides*) uma palavra que também significa ‘criança’, ‘menina’, ‘filho’, ‘filha’ e ‘escravo’. O *pais* numa relação homossexual era freqüentemente um garoto que já atingira a altura de um adulto (...). Para evitar carregar o texto e ao mesmo tempo evitar a imprecisão do termo ‘menino’, usei sempre o termo grego *eromenos* participio passivo masculino do verbo *eran*, ‘amor’ ou ‘apaixonar-se por...’. Preservei, no entanto, a forma ‘menino’ ao traduzir passagens em grego onde se lê *pais*, e uso ‘menino’ ou ‘jovem’ ao descrever qualquer relação na qual é conhecida a idade aproximada do parceiro mais jovem. Quanto ao parceiro mais velho, adotei o termo *erastes*, ‘amante’, que é aplicável tanto a relacionamentos homossexuais quanto heterossexuais mas que (sendo derivado, assim como *eromenos*, do verbo *eran*) é livre de ambigüidades inerentes ao substantivo ‘amor’. Doravante, ‘erastes’ e ‘eromenos’ aparecerão como se fossem palavras em vernáculo” (DOVER, 1994, p. 33-34).

Esse tipo de amor tinha um cunho educativo; a intimidade entre o erastes e o eromenos passava-se no âmbito de uma formação de caráter do mais jovem, e o mais velho era transmissor de valores. Comenta Tiago Andrade que este fato não aconteceu em outras sociedades, ao longo da história, e que a pederastia grega teria por louvor a elevação do relacionamento humano; muitos dos tratadistas do tema nunca perceberam o aspecto educador desse relacionamento (ANDRADE, 2017, p. 70).

Façamos agora uma pequena análise deste que é um dos mais importantes e belos textos de Platão – *O Banquete*. Nele, percebem-se duas formas de desejo/amor: de um lado, o amor enquanto aspiração ao Mundo das Ideias, a impulsionar a alma, pela ascese, rumo

à sua condição original; de outro, o desejo enquanto apetite, que prende o corpo ao carnal, ao imediatismo da concupiscência. Tomemos a fala de Fedro, o primeiro orador do diálogo sobre o amor, mais especificamente sobre Eros, tema das falas de todos os oradores que participavam do *Sympósion*, ou seja do banquete que se realiza na casa do poeta trágico Agaton. Diz Fedro que Eros era o mais antigo deus e teria surgido depois do Caos da Terra; Eros traz várias fontes do bem que é o amor de um amante e insufla nos homens o amor. Diz ainda que os que amam sabem morrer um pelo outro. Fedro exemplifica, através dos mitos de Alceste e de Aquiles (a primeira sacrificando-se pelo marido, este vingando seu amigo Pátroclo) que a bravura e a coragem oriundos do amor se refletem no ato extremo de morrer pelo ser amado; assim, morrer um pelo outro, representa o amar verdadeiro e aquele que se sacrifica é admirado e recompensado pelos deuses após a morte, pois, sendo capaz de tal sacrifício, possui em si algo de belo e precioso, a própria divindade. Dentre todas as virtudes que Eros insuflaria nos homens, Fedro afirma que a bravura e a coragem estão entre as mais louváveis, pois através delas seria possível formar por algum modo, um estado ou exército exclusivamente composto de amantes e amados; assim se obteria uma constituição política insuperável, pois ninguém faria o que fosse desonesto, e todos, naturalmente, se estimulariam para a prática de belas coisas (PLATÃO, 2000/2003, p. 9-11).

Observe-se, ainda, o que diz Fedro sobre a importância desse amor para a sociedade:

Se por conseguinte algum meio ocorresse de se fazer uma cidade ou uma expedição de amantes e de amados, não haveria melhor maneira de a constituírem senão afastando-se eles de tudo que é feio e porfiando entre si no apreço à honra; e quando lutassem um ao lado do outro, tais soldados venceriam, por poucos que fossem, por assim dizer todos os homens. Pois um homem que está amando, se deixou seu posto ou largou suas armas, aceitaria menos sem dúvida a idéia de ter sido visto pelo amado do que por todos os outros, e a isso preferiria muitas vezes morrer. E quanto a abandonar o amado ou não socorrê-lo [sic] em perigo, ninguém há tão ruim que o próprio Amor não o torne inspirado para a virtude, a ponto de ficar ele semelhante ao mais generoso de natureza; e sem mais rodeios, o que disse Homero “do ardor que a alguns heróis inspira o deus”, eis o que o Amor dá aos amantes, como um dom emanado de si mesmo. (PLATÃO, 2000/2003, p. 10).

Todo o diálogo de Platão ocorre em torno daquilo a que se propunham os participantes do banquete: a questão do amor. E esse amor, representado pelo deus Eros, pelo que se viu até agora, não se atém a qualquer gênero, é um amor característico do homem enquanto ser, não importando também a época de sua realização.

2 A homossexualidade na Idade Média. Cantigas de maldizer contra os sodomitas

Passemos da Antiguidade à Idade Média, nomeadamente em Portugal, para considerar esses registros aqui expostos sobre o homossexualismo. Num retorno à poesia trovadoresca, dois poemas que se destacam pelo assunto. O primeiro é uma cantiga de Pero Garcia Burgalês sobre o meirinho de Dom Afonso X, Fernão Diaz. Esse meirinho foi alvo de muita

chufa – Burgalês dedica-lhe duas outras composições e, além dele, vários outros trovadores encontram no meirinho motivo de acusá-lo de sodomia². Eis a cantiga:

Dom Fernando, pero mi maldigades,
 quero-vos eu ora desenganar,
 ca ouç'as gentes de vós posfaçar
 de cavalgar, de que vos nom guardades:
 cavalgades pela se[e]st' aqui
 e cavalgades de noit'outrossi,
 e sospeitam que por mal cavalgades.

Mais rogo-vos ora que mi creades
 do que vos ora [quero] conselhar:
 se queredes com as gentes estar,
 Dom Fernando, melhor ca nom estades,
 sinher, forçade vosso coração
 e nom cavalguedes tam sem razom,
 siquer por vossas bestas, que matades³. (B 1378, V 986)

O poema é uma cantiga satírica de maldizer, pois este tipo de sátira “pode ter sentido direto, denotativo, rasteiro, ‘descoberto’” – e neste caso incorre muitas vezes no obsceno (como se verifica em cantigas que envolvem a sexualidade”) (MONGELLI, 2009, p. 186). Na cantiga de Burgalês está claro a quem se destina a cantiga – ao meirinho de Afonso X, Fernão Diaz Estaturão. Nela, percebe-se que o verbo “cavalgar”⁴ é uma figura da *equivocatio*, com jogo de sentidos que se refere à sexualidade de Fernão Dias Estaturão, personagem com poucas certezas quanto a sua real identidade, mas caracterizado muitas vezes pela sua homossexualidade (ou se quisermos, sodomia).

O outro poema, cujo alvo é ainda Fernão Diaz, é de autoria de Pero da Ponte, e assim se apresenta:

De [Dom] Fernam Diaz Estaturão
 oí dizer novas, de que mi praz:
 que é home que muito por Deus faz
 e se quer ora meter ermitão;
 e fará bom feito, se o fezer;
 de mais, nunca lh'home soube molher.

² Cf. <https://cantigas.fcsh.unl.pt>

³ Cf. <https://cantigas.fcsh.unl.pt>

⁴ De acordo com o site <https://cantigas.fcsh.unl.pt>, organizado por Graça Videira Lopes, “cavalgar” seria um “equivoco sobre um homossexual, jogando com a polissemia do verbo *cavalgar*. No *Dicionário (comum, onomástico e toponímico)* de Aida Fernanda Dias, o sentido continua a ser relacionado à sexualidade (melhor, à cópula) (DIAS, 2003, p. 169). No *UniversoCantigas*, o termo registra “Cavalgar v. intr. ‘cabalgar’; fig. manter relações sexuais”. (LOPES, n. p., grifo do autor) Cf. <https://universocantigas.gal/glosario/termo/692>. Acesso em: 21 jan. 2023.

Este tem o Paraís'en[a] mão,
 que sempr[e] amou, com sem cristão, paz;
 nem nunc'amou molher nem seu solaz,
 nem desamou fidalgo nem vilão;
 e mais vos [em] direi, se vos prouguer;
 nunca molher amou , nem quis nem quer,
 pero cata, falagueir'e loução.

E [em] tam bõo dia foi [el] nado
 que tam bem soub'o pecad'enganar.
 que nunca por molher rem [nom] quis dar,
 e pero mete-s'el por namorado,
 e os que o nom conhecemos bem
 cuidamos del que folia mantém,
 mais el d'haver molher nom é pensado.

Que se hoj'el foss[e] empardêado
 nem se saberia melhor guardar
 de nunca já com molher albergar,
 por nom se rir[i] del o pecado,
 ca nunca deu por molher nulha rem,
 e pero vedes: se o vir alguém,
 terrá que morre por ser casado.

E pois [s']em tal castidade mantém,
 quand'el morrer, direi-vos ùa rem:
 "Beati Oculi" será chamado. (B 1649, V 1183).

Também, nesta cantiga, o trovador Pero da Ponte vale-se da *equivocatio* para “esconder” sua crítica ao meirinho de Afonso X. O trovador diz que teve prazer em ouvir novas sobre Fernão Diaz, o qual serve a Deus e quer se tornar ermitão; segundo o trovador, ele faz muito bem em fazer isto, já que nunca “conheceu” mulher. O meirinho teria o Paraíso na mão e sempre teria amado a paz, mas nunca amou mulher nem teve com ela prazer; também não desamou fidalgo ou vilão, relatando a preferência sexual de Diaz. Em seguida, diz o trovador que Fernão Diaz nasceu em um bom dia, pois conseguiu enganar até o pecado; no entanto, o meirinho nunca teria desamado fidalgo ou vilão, o que mostra, de forma sutil, que ele conheceria o amor com homens, mas não com mulheres, fato que é repetido em toda a cantiga. Com relação à propensão dos trovadores à liberdade de expressão, principalmente quanto à política e quanto à sexualidade, Edrisi Fernandes assim comenta:

A importância social exercida pelos *trobadors* não conheceu precedentes na história da poesia medieval. Eles tinham grande liberdade de expressão, chegando a abordar questões políticas e questionar a sexualidade ortodoxa. As canções dos *trobadors*

por vezes evocam a homossexualidade empregando o artifício de disfarçá-la sob a máscara da “amizade viril”⁵. Acima de tudo, contudo, os *trobadores* criaram em torno das pessoas da corte uma atmosfera de erudição e amenidade que até hoje não encontrou equivalente (FERNANDES, 2007, p. 87).

Também Paulo Roberto Sodré, em um estudo sobre o homoerotismo na sociedade regida por Afonso X, o Sábio, comenta que

ao considerarmos então a referência trovadoresca à sodomia, devemos ter em mente não apenas as normas religiosas e as leis civis, sempre inspiradas naquelas, mas as experiências e costumes de um ambiente formado tanto por valores aristocráticos como populares. E as cantigas satíricas, assim como as cantigas de amigo, trazem consigo a marca popular por meio da cultura jogralesca, ainda que produzidas *para, com e em* circunstâncias cortesãs (SODRÉ, 2004, p. 246-253).

Diz ainda que os textos doutrinários então contemporâneos seguiram as advertências jurídicas contra os sodomitas, mas a cultura popular veiculava “valores que, se não estimulavam a sodomia, encaravam-na de modo atenuado” e que

o povo, produtor real de valores e desvalores morais, podia desconhecer a teoria sobre as circunstâncias do ato humano, – teoria clássica dos tratados teológicos –, mas vivia em condições e circunstâncias concretas em que condenava mais o incesto e o estupro do que atos sexuais entre homens. Esse dado nos remete à afirmação de José Mattoso sobre as brechas entre o que idealiza a norma e o que efetivamente se faz no cotidiano: “não se podem confundir os valores ou os ideais com as normas, nem nenhuma destas ou daqueles com o que é habitual e efectivamente se faz” (SODRÉ, 2004, p. 246-253).

⁵ O estudioso britânico Alan Bray em um estudo impecável (*The Friend*) discorre sobre a amizade masculina na Idade Média inglesa. Bray fez uma descoberta surpreendente nos anos 1980 em uma tumba em que dois amigos foram enterrados juntos; um deles escreveu que suas amizades eram um *connubium* (um casamento). A partir daí, o estudioso investiga a questão desse tipo de amizade, que se liga a essa “amizade viril”. Leia-se um excerto em que isso é comentado por Bray: “The tombs in English churches, like that of Neville and Clanvowe [e também dos dois primeiros achados, John Finch e Thomas Baines], of covenanted friends lying in their tombs together as if they had been husband and wife are traces of the objective character friendship had in traditional society and represent a third major source of evidence on which this study draws. They punctuate its argument and its turning points, but such tombs also reiterate the place that friendship held in traditional Christianity, a characteristic it shared with traditional culture more generally. The setting of these tombs reinforces the connection that John Bossy has written about between the friendship of traditional society and the rites, places and (...) persons of Christianity (...). By the early fifteenth century Juvénal des Ursins evidently regarded a swearing of brotherhood in church as the customary form at that date. This is probably also the explanation of the otherwise curious detail in the *Latin Amys and Amylion*, that the two friends swear their fidelity to each other on a sword ‘ubi erant sanctorum reliquie’ (where relics of the saints were) (BRAY, 2003, p. 34).

3 O erotismo de Georges Bataille

Todas essas questões que vínhamos tratando, percebe-se, têm por centralidade não só o amor, mas o erotismo. Ao estudarmos ou analisarmos as sexualidades, não há como nos desviarmos de assunto tão contundente. Sobre o tema, Georges Bataille entregou-nos um estudo especial e profundo em seu livro *O erotismo*. Bataille diz que o erótico se apresenta pelo erotismo do corpo, dos corações e do sagrado; em sentido conotativo, a sociedade acredita estar o sentimento atrelado ao lascivo, ao voluptuoso, ao libidinoso, conceitos mais próximos do morfema grego, pois *eros* é o amor em todas as suas formas. O autor tenta se distanciar deste conceito dizendo que o gênero erótico não ultrapassa os limites do gênero livre e licencioso.

No sentido metafórico, o erótico é tudo o que se insere na transgressão social e que se expressa no sexo, na morte, no corpo. O erotismo representaria, então, o desejo e a sedução. Quanto à transgressão, o filósofo comenta:

A experiência leva à transgressão realizada, à transgressão bem sucedida que, sustentando o interdito, sustenta-o para *dele tirar prazer*. *A experiência interior do mutismo exige de quem a pratica uma sensibilidade bem maior ao desejo que leva a infringir o interdito que à angústia que o funda*. É a sensibilidade religiosa, que liga sempre estreitamente o desejo e o medo, o prazer intenso e a angústia. (BATAILLE, 1987, p. 26, grifos do autor).

Para Bataille, não existe interdito que não possa ser transgredido: “freqüentemente a transgressão é admitida, freqüentemente mesmo ela é prescrita” (BATAILLE, 1987, p. 42). O filósofo francês pontua com insistência esses dois paralelos em que a questão amorosa pode se perder: a intimidação do proibido, do interdito, e o encantamento que a transgressão nos proporciona. Esses dois movimentos de atração e repressão permeiam sempre o ser humano; ele está subjugado a ambos se deseja avançar no amor ou recuar. E esse sentimento, Georges Bataille o analisa quando se refere à “perfeita identidade entre indivíduos do mesmo sexo”:

... quando há uma perfeita identidade entre indivíduos do mesmo sexo: parece que, em princípio, uma diferença secundária tenha só o poder de tornar sensível uma identidade profunda que, com o tempo, se torna indiferente. Acontece igualmente sentir com mais intensidade o que escapa no momento do desaparecimento. Aparentemente, a diferença de sexo aumenta esse vago sentimento de continuidade que a identidade de espécie conserva, frustrando-o, tornando-o difícil (BATAILLE, 1987, p. 65).

Para Bataille, parece, essa identidade que ele chama de perfeita faz surgir uma identidade profunda que se amolda ao tempo; já a relação heterossexual poderia dificultar a identidade de espécie.

4 O tema da homossexualidade em poemas do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende

Vamos nos centrar agora no poema que motivou este artigo. O Renascimento trouxe à tona a ânsia do retorno à cultura clássica greco-romana. Isso não quer dizer que esse retorno

tenha absorvido todas as questões de liberalidade dessas culturas, quais sejam a valorização do racionalismo, fundamentação da ética e da moral em valores humanos, afirmação de que o ser humano é responsável por suas ações, valorização dos contrastes entre ideias e crenças, entre outras; apesar de toda a renovação em andamento, o caso do amor entre seres iguais não foi discutido com profundidade pelos renascentistas. Pelo contrário, a homossexualidade foi essencialmente perseguida no século XV e nos posteriores, quando a moral da Igreja e das autoridades foi mais dura, intolerante e punitiva⁶.

Os dogmas mais rígidos foram estabelecidos no Concílio de Trento (1545-1563) que reafirmou o catolicismo mais intransigente. A centralização política e a dinamização das rotas comerciais permitiram que as leis, a vigilância religiosa e as punições chegassem a toda parte. No mundo católico, a repressão radicalizou-se com a criação da Inquisição, que teve seu equivalente (igual ou pior) no meio protestante, com a obediência férrea às Sagradas Escrituras. Ganhou forma, assim, o contexto moral que reprimiu, sem concessões, a sexualidade durante centenas de anos, chegando praticamente até o final do século XX (DOMINGUES, 2018, n.p.).⁷

No entanto, na literatura ficcional, o tratamento dos desvios sexuais não obedece a qualquer regra regimental, da Igreja e das autoridades. O tema desses desvios é tratado de forma estritamente estética; em muitas composições, em prosa ou em poesia, a preocupação raramente se volta à rigidez dos costumes⁸. O apelo é tomar o tema e explorá-lo de forma ficcional, no intuito – sempre – de fruição, de prazer, como já dissemos acima. Emerson da Cruz Inácio assim comenta sobre a transgressão da poesia através das linguagens:

Retomando Foucault em “Linguagem e Transgressão”, observa-se que o filósofo aponta para o fato de que a Literatura é o grande espaço da subversão das linguagens e do discurso, o que pode ser estendido também à poesia enquanto constitutiva ao literário. Assim, sendo a poesia transgressora por natureza, será ela lugar também para a encenação poética do sexo e do corpo, como também espaço propício às várias sexualidades em trânsito, transgressoras (INÁCIO, 2013, p. 95).

Leia-se como referência um poema de formas mistas do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, que tem por didascália “De Dom Joam de Meneses a ãa dama que refiava e beijava dona Guiomar de Crasto” (CGGR, 586, p. 197). Parece que para os poetas do *Cancioneiro* a questão da homossexualidade e da bissexualidade, enfim da sexualidade, neste poema em

⁶ “Os pecados contra a natureza incluíam especificamente a bestialidade, a homossexualidade e a masturbação”. (RICHARDS, 1993, p. 136). Jacques Rossiaud acrescenta: “A sodomia (hetero ou homossexual) [...] é denunciada como uma das mais graves (senão a mais grave) formas da luxúria. A homossexualidade, corrupção vil da alma, é uma perversão situada por Santo Tomás na vizinhança imediata do canibalismo e da bestialidade...” (ROSSIAUD, 2003, p. 482).

⁷ <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/pecados-da-carne-sexo-sexualidade-idade-media/> Homossexualidade, masturbação e outros pecados – Blog: Ensinar História – Joelza Ester Domingues. Acesso em 21 jan. 2023.

⁸ “Nas comédias, nas novelas mais ou menos inspiradas em Boccaccio e nas obras que caricaturam a lírica cortesã, o proibido parece distante e, em matéria de sexualidade, o tom e as situações são da mais inteira liberdade. Mas não podemos nos guiar pelas aparências, que além de tudo não chegam a mascarar o essencial, a extrema conformidade com a norma” (ROSSIAUD, 2003, p. 492).

questão, é motivo para facécia, sem qualquer preocupação moralizante. Os poetas palacianos portugueses usaram como mote para fazer poesia satírica – ou poesia didático-moralizante – qualquer mérito ou mesmo deslize dos frequentadores do Paço. Quando presenciavam duas damas beijando-se, acariciando-se e aconchegando-se lascivamente, cinco poetas glosam esse comportamento desviado de modo leve e jocoso. Mostram que o duro código moral imposto pela Igreja nos fins da Idade Média continua a ser desrespeitado; ele é infringido no espaço dos serões áulicos da nobreza. O poema tem por mote uma cantiga que diz:

Senhora, eu vos nam acho
rezam para rafiãr
e beijar tam sem empacho
Dona Guiomar,
salvante se vós sois macho.

Se o sois e nam sois dama,
é mui bem que o digais
e tambem deve sua ama
nam querer que vós jaçais
soo com ela em ùa cama.
Confessai-nos que sois macho
ou que folgais de beijar,
que doutra guisa nam acho
rezam de antrepernar
tal dama tam sem empacho (CGGR, 1998, p. 197).

D. João de Meneses propõe a discussão e, dados os seus argumentos, vem para ajudá-lo Fernão da Silveira, o “Moço”, e mais quatro poetas que trazem à baila a questão da homossexualidade e da bissexualidade, temas muito restritos na poesia medieval⁹. Ao longo do poema, a preocupação dos poetas é saber se as duas damas são fêmea ou macho, sem explicitar uma condenação mais veemente, já que elas, além de praticarem o lesbianismo, também fazem amor com homens. Nessa composição, a preocupação é a sexualidade de algumas damas cortesãs e não se percebe qualquer doutrinação moralista, pois centrada na *hequivocatio*, e aproveitando-se da divisa horaciana *ridens dicere verum*, não pretende, mesmo que através da poesia, moralizar os costumes. Registre-se, no entanto, que em qualquer sátira, há um fundo moralizante; lembre-se do dito popular: “É brincando que se dizem as coisas sérias”.

⁹ São poucos os estudos sobre a sexualidade na Idade Média; mais raros ainda são os estudos quanto à homossexualidade e à bissexualidade. Na literatura de Portugal, num estudo sobre as cantigas galego-portuguesas medievais, somente como exemplo, das 465 cantigas de escárnio e de maldizer selecionadas por Graça Videira Lopes, apenas quatro têm como tema a bissexualidade, vinte e nove a homossexualidade. Este último tema supera o de adultério: 15 cantigas. (LOPES, 1994, p. 212 *passim*).

O poema referido faz alusão clara a dois desvios condenados pela Igreja e instituições ditas moralizantes, a homossexualidade e a bissexualidade¹⁰. A questão destes desvios específicos é o único no *Cancioneiro Geral*. No entanto no poema 697 do compêndio, “De Joam da Silveira a Pero Moniz e a Dom Garcia d’Albuquerque, quando foram com Dom Joam de Sousa a Castela, que foi por embaixador, do que lhe havia d’acontecer, enderençadas aas damas” (CGGR, 697, p. 49-52), o poeta parece fazer alusão muito sutil sobre a sexualidade dos dois companheiros de D. João de Sousa. A composição é composta por onze estrofes em redondilha maior, portanto, um poema eivado de musicalidade, integralmente apresentado no Apêndice. Na primeira estrofe, dirigindo-se às Senhoras, D. João da Silveira pede a elas que não se escandalizem pelo que vai dizer sobre os dois auxiliares que acompanharão D. João de Sousa até Castela. Como o foco está no termo “escandalizem”, espera-se que o assunto seja grave. Na segunda estrofe, o poeta registra o comportamento desses dois auxiliares, que parece estranho:

Eles ja polo caminho
ham-d’ir ambos sempre soos
e naquisto vereis vós
qu’há-de ser o qu’adevinho:
ũ deles parecer-lh’aa
que leixa feito alicerce
e o outro sospiraraa,
porque às vezes cuidaraa
que quem nam parece esquece (CGGR, 1998, p. 60).

Segue dizendo que os dois são gentis homens, galantes e *brandos* de conversação; à mesa, têm uma voz *afrautada*, *adocicada* (DIAS, 2003, p. 317) e estão sempre *dobrados*, ou seja, conforme Aida Fernanda Dias, dissimulados, fingidos (DIAS, 2003, p. 243), e se alguém se aproxima deles, um dirá “– Por Deos, estes estam bem / fora de nosso cuidado.” Pode-se perceber a intenção crítica sutil de D. João da Silveira quando ele foca nos adjetivos usados para designar o comportamento dos dois amigos; além disso, ao dizer que ambos vão “sempre soos” (CGGR, 1998, p. 50), parece também uma referência ao fato de que os dois estão sempre juntos, como querendo esconder algo. Nas estrofes seguintes, o poeta vai descrevendo cada um

¹⁰ “O cristianismo sempre se preocupou em recalcar a sexualidade. Segundo essa dogmática, não há espaço para qualquer tipo de prazer e todo lazer é recriminado, pois resulta num culto aos frutos terrenos. O que importa é a abnegação de tudo o que causa gozo ao corpo, pois para a alma cristã a única coisa que importa é se purificar dos pecados e alcançar a paz eterna após a morte. O sexo, como exemplo máximo desse instinto mundano, tem sua prática totalmente reprimida pela Igreja. Essa atividade nefasta à salvação da alma era constantemente vinculada com o ocultismo e demonologia: é o Diabo que tenta o homem, assim como a mulher o tentou, influenciada pela serpente do mal. O sexo só seria tolerado, e mesmo assim considerado pecaminoso, quando era realizado no contexto matrimonial, visando exclusivamente a reprodução. (...) Ademais, o homem que se sujeitava ao comportamento homossexual simbolicamente comportava-se como a própria mulher. Talvez tenha sido aqui a origem de tamanho ranço. A inversão de papel que o homem desempenhava na relação homossexual o tornava parte de uma simbologia feminina. Possivelmente foi o medo em se assemelhar a uma figura tão baixa e desprezível quanto à mulher que fez com que os homens recriminassem tanto o comportamento sexual entre pessoas de mesmo sexo. Não se pode esquecer que até o século XII, a mulher chegou a ser comparada aos animais e, mesmo nos séculos que se seguiram, o feminino sempre esteve ligado ao demônio (ADAID, 2019, n.p.).

dos amigos de forma que ambos são estranhos; essa descrição é alternada, um deles faz isso e o outro faz aquilo, mas no final estão sempre juntos. Uma possível alusão ao gosto incomum dos amigos encontra-se nos versos da sétima estrofe: “Parecer-lh’-am grandes anos/ todolos dias passados,/ far-s’-am muito namorados/ per geitos a castelhanos.” Esse gosto está expresso em se fazerem “muito namorados” pelos modos dos castelhanos. À frente, nova sutileza: “Ambos soos polo caminho/ iram assi saudosos”, o que mostra uma sensibilidade diferente, que causa admiração do poeta. Mas este deixa no ar o fato de que os dois têm um segredo e que, se descoberto, não se pode encobrir, esconder o segredo e sorrir – provavelmente com o sentido de *rir* – dele, pela discrição que se pede.

A ù deles ham-d’ouvir
el secreto es descuberto.
 Ooh que responder tam certo!
 E nom se pode encobrir
 e sorrir.
 Se quereis que mais alcance,
 nom digais muito s’entendem,
 mais ham-de cantar romance
 em que cuidem que s’entendem (CGGR, 1998, p. 52).

Que segredo seria este que fora descoberto? O pé quebrado geralmente é usado para destacar algo que o poeta deseja chamar a atenção. Observe a ironia existente nesta estrofe, principalmente no destaque à palavra “sorrir” precedida de “encobrir” – elas têm relação direta com o segredo que encobre a ambiguidade de todo o poema.

Na estrofe final, registre-se que há um engano do compilador do *CCGR*, responsável ele também, pelas didascálias de todos os poemas reunidos no cancionero. Quando Garcia de Resende escreve que esta última estrofe teria sido escrita “por parte deles”, entende-se que os dois amigos comentariam as críticas, as observações de Silveira. Mas na leitura da estrofe, percebe-se que o autor diz terem eles partido e por tudo que foi dito, quem lê o poema pode rir o quanto quiser, porque os dois amigos sabem por que vão.

Trova por parte deles.

Dizei tudo o que puderdes,
 qu’em fim eles partiram
 e, s’isto por mal houverdes,
 ride vós quanto quiserdes,
 qu’eles sabem como vam.
 Nam se pode grosar ida
 em dias tanto sem festa,
 que soo polo de tal vida
 antes nunca vi partida
 a proposito mais que esta (CGGR, 1998, p. 52).

No entanto, parece que um registro importante deve ser feito: as trovas de Dom João da Silveira são extremamente herméticas. Um bom número de poemas do *Cancioneiro* de Resende é formado por composições obscuras. No quinto volume do *Cancioneiro Geral*, intitulado “A Temática”, Aida Fernanda Dias, aqui e ali, discorre sobre esse hermetismo que aflora no cancionero de Resende, e diz:

Por vezes, é difícil, quando não mesmo impossível, discernir se, nestas composições, os autores se divertem numa actividade meramente lúdica ou se, pelo contrário, é a voz da inimizade que se impõe. (...) Neste tipo de composições (...), o sentido torna-se, por vezes, impenetrável, mais nos parecendo que os seus autores, longe da intenção de uma sátira pessoal, se exercitam em jogos de malabarismos verbais, no intuito de patentear uma riqueza e um domínio vocabular que poria em xeque os adversários (DIAS, 1998, p. 357).

Não parece improvável que o sentido obscuro das trovas de Silveira tenha a ver com a questão da homossexualidade. Para corroborar esse clima sugestivo, observem-se alguns versos: “a maneira que ham-de ter.”; “ũ deles parecer-lh'aa/ que leixa feito alicerce/ e o outro sospiraraa.”; “Sam gentis homens que farte,/ brandos de conversaçam,/ sam dous amigos d'ũa arte,/ galantes qu'ẽm qualquer parte”; “Ham-d'ẽstar muito frautados/ aa mesa, quando cearem.”; “Se andarem por luar, por si está adivinhado,/ cada ù s'ha-d'apartar/ e entam ò contemprar/ perdi cuidado.”; “far-s'-am muito namorados/ per geitos a castelhanos.”; “Ambos soos polo caminho/ iram assi saudosos,/ apartados do sobrinho,/ por ir mais sustanciosos.¹¹”; “Ó duvidosa lembrança!.”; “A ù deles ham-d'ouvir/ *el secreto es descuberto*./ Ooh que responder tam certo!/ E nom se pode encobrir/ e sorrir.”

Mas, observando-se as palavras que pertencem ao campo semântico da metapoética, o poema talvez encerre, também, um comentário – sempre hermético – sobre o fazer poético. Vejam-se as seguintes palavras e versos: “sam dous amigos d'ũa arte.”; “– Quem já estivesse aqui/ da *tornada*!.”; “Levam *motos* respondidos.”; “mais ham-de cantar *romance*.”; “Nam se pode *grosar* ida”. O termo *arte* é genérico neste caso, mas pode-se inferir que seja a arte de poetar; *tornada* significa uma estrofe que é composta de metade dos versos das estrofes anteriores, contendo uma espécie de resumo do conteúdo do poema, um remate dele; *motos* pode se referir às palavras ou versos que abrem uma cantiga ou um vilancete e que têm por função apresentar o tema a ser desenvolvido na glosa ou nas glosas; *romance* é um tipo de composição poético-musical, característico da tradição literária ibérica, geralmente com versos em redondilha maior e rima assonante; por fim, *grosar* é desenvolver o tema lançado no mote de uma cantiga ou de um vilancete.

Deste último poema analisado, as duas possibilidades de interpretação são coerentes. Mas há outras possibilidades, a literatura não se fecha em poucas interpretações. O conteúdo destas trovas é o registro de uma das muitas viagens que os nobres palacianos faziam para relacionamento oficial entre as nações. Aida Fernanda Dias relata que o motivo da viagem seria de negociar com os Reis Católicos o *Tratado de Tordesilhas*. As linhas demarcatórias tornaram-se importantes em 1494, pois “nos asseguravam a posse dos territórios descobertos.

¹¹ O sentido do termo é “digno de ponderação” o que se encaixa perfeitamente no clima de relação *contra naturam* dos dois amigos. (DIAS, 2003, p. 667).

A embaixada foi coroada de êxito e depois da assinatura do tratado, em Junho do referido ano, pai [Rui de Sousa] e filho [João de Sousa] regressam a Portugal, onde já se encontram em Setembro.” (DIAS, 1998, p. 231). O que se vê, então, ao se ler o poema, é que o texto de D. João da Silveira não se relaciona com o motivo da viagem dos embaixadores de Portugal a Castela. O poeta vale-se do fato e compõe as trovas herméticas, mas que, sem dúvida, são uma sátira centrada na *equivocatio*.

5 Consideração final

Após essas análises, ponderações e citações, pudemos observar que os desvios foram sempre condenados e tratados de forma rígida quando levados à justiça, seja ela a da Igreja, seja a do próprio sistema judicial da sociedade. E o que mais se nota é que esses desvios estão sempre vinculados à sexualidade, uma questão nunca resolvida, seja também pela religião, seja pela sociedade. Essas transgressões passam ao largo da moralidade quando são tratados de forma poética, sempre esteticamente. Vimos que os poemas aqui apresentados serviram de deleite aos poetas autores, mas também aos leitores. A poesia dizima quaisquer opressões e dá-nos o prazer de podermos ter uma visão distinta daquilo que é “oficial”. Seria piegas agradecer aos poetas aqui referidos – e reverenciados –, mas que isso seja feito em nome da poesia.

AGRADECIMENTOS

Lênia Márcia de Cordeiro Mongelli e Yara Fratesci Vieira

REFERÊNCIAS

- ADAID, Felipe. Homossexualidade no medievo. O legado da Peste Negra aos sodomitas. *Jus.com.br*, 2019. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/71387/homossexualidade-no-medievo>. Acesso em: 01 nov. 2022.
- ANDRADE, Tiago Souza Monteiro de. O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga: uma prática pedagógica. *Faces da História*, Assis-SP, v.4, n. 2, p. 58-72, 2017.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BRAY, Alan. *The friend*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- CANCIONEIRO Geral de Garcia de Resende. Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990-1993. Volumes I a IV.
- CORREIA, Victor. *Homossexualidade e homoerotismo em Fernando Pessoa*. [s.l.]: Edições Colibri, 2018.
- DIAS, Aida Fernanda. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende – A Temática*. Maia: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998. Volume V.
- DIAS, Aida Fernanda. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende – Dicionário (Comum, Onomástico e Toponímico)*. Maia: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. Volume VI.
- DOMINGUES, Joelza Ester. Homossexualidade, masturbação e outros pecados. *Blog Ensinar História*, 2018. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/pecados-da-carne-sexo-sexualidade-idade-media/>. Acesso em: 06 jan. 2022.

- DOVER, K. J. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. Tradução de Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- FERNANDES, Edrisi. A tradição da “Gaia Ciência” e o homoerotismo. *BAGOAS, estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 1., n. 1., p. 77-107, jul./dez. 2007.
- INÁCIO, Emerson da Cruz. *A herança invisível: Ecos da “literatura viva” na poesia de Al Berto*. Manaus/AM: UEA EDIÇÕES, 2013.
- LOPES, Videira Graça (org.). *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*. Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 13 nov. 2023.
- LOPES, Videira Graça. *A sátira nos Cancioneiros medievais galego-portugueses*. Lisboa: Estampa, 1994.
- MONGELLI, Lênia Márcia. *Fremosos cantares: Antologia da lírica medieval galego-portuguesa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- PLATÃO. *O Banquete*. Pará de Minas: Biblioteca Virtualbooks, 2000/2003.
- RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: As minorias na Idade Média*. Tradução de Marco A. E. da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 181 p.
- ROSSIAUD, Jacques. Sexualidade. Trad. Mário Jorge da M. Bastos. In: *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru/São Paulo: EDUSC, 2003. p. 477-493. Volume II.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.
- SODRÉ, Paulo Roberto. Os homens entre si: os “fodidos e seus maridos” nas cantigas de Pero da Ponte, séc. XIII. In: LOPES, Denilson *et al.* *Imagem e diversidade: estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa, 2004. p. 246-253.

APÊNDICE

POEMA 697, vol. IV, pp. 49-52. *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, 1516.

De Joam da Silveira a Pero Moniz e a Dom Garcia d'Albuquerque, quando foram com Dom Joam de Sousa a Castela, que foi por embaixador, do que lhe havia d'acontecer, endereçadas aas damas

Senhoras.

De dous qu'ham-d'acompanhar
Dom Joam atee Castela,
quero eu adivinhar
o modo que ham-de levar
atee se tornarem dela.
E confio em seu saber,
que se nam escandalizem,
posto que lhe profetizem
a maneira que ham-de ter.

-50/ iv

Eles ja polo caminho
ham-d'ir ambos sempre soos
e naquisto vereis vós
qu'há-de ser o qu'adevinho:
ũ deles parecer-lh'aa
que leixa feito alicerce
e o outro sospiraraa,
porque às vezes cuidaraa
que quem nam parece esquece.

Sam gentis homens que farte,
brandos de conversaçam,
sam dous amigos d'ũa arte,
galantes qu'ẽm qualquer parte
que estiverem valeram.
Nam se podem enfadar
pessoas tam concertadas,
mas antes pera falar,
folgaram de caminhar
mais jornadas.

Ham-d'estar muito frautados
aa mesa, quando cearem,
e, se algũs aperfiarem,
ham-d'estar eles dobrados.
E com suspiro calado
dirá hũ per ante alguem:
Por Deos, estes estam bem
fora de nosso cuidado.

O outro mais cortesão,
eu apostarei que colha
ũ ramo seco sem folha,
que leve sempre na mão.
Ham tambem de caminhar
algum hora sem se ver,
porqu'às vezes ã cuidar
val mais que quanto falar
num caminho pode ser.

-51/iv

Se andarem por luar,
por si está adevinhado,
cada ã s'ha-d'apartar
e entam ò contemprar
perdei cuidado.
E na primeira jornada
haa ã de dizer assi:
Quem já estivesse aqui
da tornada!

E se laa os convidarem,
aa primeira rogar-s'-am,
o que virem andaram
muito cheos de notarem.
Parecer-lh'-am grandes anos
todolos dias passados,
far-s'-am muito namorados
per geitos a castelhanos.

Ambos soos polo caminho
iram assi saudosos,
apartados do sobrinho,
por ir mais sustanciosos.
Iram assi cordiais
às vezes atuar-s'-am,
ham-de levar presunçam
de representarem mais
que Dom Joam.

Levam motos respondidos,
pedidos per'aa despesa,
trabalharam por empresa,
mas nam ham-de ser ouvidos.
O qu'este tempo fizeram
ham que fica em balança
e tambem sei que disseram:
Ó duvidosa lembrança!

-52/ iv

A ù deles ham-d'ouvir
el secreto es descuberto.
Ooh que responder tam certo!
E nom se pode encobrir
e sorrir.
Se quereis que mais alcance,
nom digais muito s'estendem,
mais ham-de cantar romance
em que cuidem que s'entendem.

Trova por parte deles.

Dizei tudo o que puderdes,
qu'ém fim eles partiram
e, s'isto por mal houverdes,
ride vós quanto quiserdes,
qu'eles sabem como vam.
Nam se pode grosar ida
em dias tanto sem festa,
que soo polo de tal vida
antes nunca vi partida
a proposito mais que esta.